



TEFC – O Paradoxo de Salomão: Onde se encontra a sabedoria?

GCE-BA

Um trabalho para a Ordem da Cavalaria

O Paradoxo de Salomão: Onde se encontra a sabedoria?

A história de Salomão atravessa os séculos como uma das maiores representações da sabedoria humana. Filho de Davi, herdeiro de um reino consolidado por guerras, ele ascendeu ao trono ainda jovem após a morte de seu pai. Quando Deus lhe apareceu em sonho e lhe ofereceu qualquer coisa que desejasse, Salomão pediu sabedoria para governar o povo de Israel com justiça. Deus se agradou do pedido e lhe concedeu sabedoria, riqueza e honra. Diante da possibilidade de pedir qualquer dádiva divina, ele escolheu algo incomum.

Na tradição bíblica, Salomão é descrito como alguém dotado de discernimento e poder de compreensão extraordinários, capaz de penetrar as ambiguidades humanas e julgar com precisão quase absoluta. Seu nome tornou-se sinônimo de prudência, reflexão e justiça. Uma das histórias mais conhecidas que exemplificam a sabedoria do rei é o episódio das duas mulheres que disputavam a maternidade de uma criança. Em resumo, as duas mulheres declaravam-se mães do mesmo bebê. Para resolver o impasse, Salomão propôs dividir a criança ao meio. Diante dessa decisão, a verdadeira mãe imediatamente se revelou, preferindo entregar o bebê à outra mulher a vê-lo morto. Salomão não buscava uma solução literal, mas provocar a revelação da verdade por meio da manifestação do amor materno. Nesse momento, a sabedoria aparece como algo mais elevado que a mera lógica. Trata-se da capacidade de compreender aquilo que está oculto sob a superfície dos fatos. Ele também foi o designado para a construção do templo que recebeu seu nome. Seu pai, Davi, foi impedido de construí-lo por ser um “homem de guerra” e ter derramado muito sangue. Já Salomão, cujo próprio nome evoca paz (*shalom*), foi escolhido para realizar a construção que representaria a união entre o povo e Deus.

Mas é justamente nesse ponto que sua história se torna filosoficamente perturbadora. Se Salomão foi o homem mais sábio de sua época, por que sua própria vida foi marcada por decisões que o conduziram ao desequilíbrio moral e espiritual? Segundo a tradição, os erros de Salomão não foram erros de ignorância, mas de contradição. Ele acumulou riquezas em proporções excessivas. O relato em 1 Reis 10:27 afirma que, devido à imensa riqueza trazida a Salomão, a prata perdeu seu alto valor de mercado, sendo comparada à pedra comum nas ruas. O homem que pediu sabedoria passou a cercar-se de ouro, palácios e luxo, como se o brilho exterior pudesse sustentar a grandeza interior. Além disso, construiu alianças políticas por meio de inúmeros casamentos, muitos deles motivados menos por afeto ou prudência e mais por estratégia diplomática. Essas alianças o aproximaram de costumes, práticas e cultos pagãos que gradualmente comprometeram sua fidelidade aos princípios que sustentavam sua sabedoria.

A Bíblia relata também que o rei teve centenas de esposas e concubinas. Mais do que um dado biográfico, isso representa simbolicamente uma dispersão interior. Observando sob bases filosóficas e psicológicas recentes, especialmente por meio do pensamento de Sigmund Freud — “todo excesso esconde uma falta” —, vê-se que o rei Salomão se afastou de si mesmo e da sabedoria divina recebida. Aquele que se fragmenta em excessos dificilmente permanece inteiro diante da verdade. Salomão também submeteu o povo a pesadas cargas tributárias para sustentar suas grandes construções, inclusive o magnífico templo cuja estrutura possuía cedro e ouro. Por fim, percebe-se que seu maior erro talvez tenha sido este: confundir sabedoria contemplada com sabedoria incorporada. Ele conhecia a verdade, mas progressivamente deixou de habitá-la. Aos poucos, o rei Salomão se afastou de Deus e dos princípios que o conectavam ao divino; esse foi o princípio de sua ruína.

É exatamente dessa contradição que nasce o chamado Paradoxo de Salomão.

O paradoxo consiste na constatação de que o ser humano frequentemente demonstra maior clareza para compreender os dilemas alheios do que para interpretar os próprios conflitos.

Somos excelentes juízes quando estamos fora da arena, pois a distância nos concede perspectiva. A ausência de envolvimento emocional permite análise racional, ponderação e discernimento.

Mas, quando somos lançados ao centro da própria experiência, algo se altera: desejos, medos, ambições, carências e expectativas invadem o campo da razão e deformam nossa capacidade de julgamento. É como se a consciência humana possuísse uma estranha assimetria: enxerga nitidamente o exterior, mas torna-se nebulosa ao voltar-se para dentro.

A tragédia de Salomão está justamente nisso. Seu fracasso não foi falta de inteligência; foi excesso de proximidade consigo mesmo e distanciamento de Deus. Sua razão, tão afiada para decifrar conflitos externos, mostrou-se vulnerável diante de suas próprias paixões, seduções e ambições. A ciência oferece uma explicação para este fenômeno, olhar para dentro das próprias batalhas realmente se torna difícil. Ao analisar problemas alheios, o cérebro tende a utilizar áreas ligadas ao raciocínio lógico e analítico, como o córtex

pré-frontal. No entanto, ao lidar com nossos próprios dilemas, a amígdala — centro de processamento emocional e do medo — é ativada, gerando decisões baseadas no medo, na ansiedade ou na urgência. A amígdala faz parte do sistema límbico e funciona como um sistema de vigilância, filtrando tudo o que vemos, ouvimos e sentimos em busca de ameaças ou recompensas. Quando identifica uma ameaça, ativa o eixo HPA, disparando uma descarga de adrenalina e cortisol. Isso prioriza o vigor físico — batimentos acelerados e músculos oxigenados — em detrimento do pensamento racional, preparando o corpo para uma reação instintiva e imediata de sobrevivência. Quando estamos diante de uma tentação, algo semelhante acontece; porém, o hormônio responsável é a dopamina, que antecipa a sensação de prazer ao cérebro e reduz a atividade do córtex pré-frontal.

Essa tensão ecoa também em toda a tradição filosófica. Platão descreveu a alma humana como um campo de forças em disputa, no qual razão e desejo frequentemente entram em conflito. O homem sabe o que deve fazer, mas é arrastado pelo apelo daquilo que deseja. Aristóteles chamou esse fenômeno de *akrasia*, a fraqueza da vontade. Trata-se da incapacidade de agir conforme aquilo que se sabe ser correto. Não é ignorância; é ruptura entre saber e agir. Salomão evidencia esses conceitos. Ele não errou porque desconhecia o caminho; errou porque o conhecimento, por si só, não basta para sustentar uma vida reta.

Séculos depois, Blaise Pascal aprofundaria esse pensamento ao mostrar que o ser humano não é governado exclusivamente pela razão. Há forças afetivas, desejos silenciosos e inclinações internas que frequentemente escapam ao domínio racional. O Paradoxo de Salomão revela, então, algo radical sobre a condição humana: a lucidez intelectual não garante integridade existencial. Compreender não é o mesmo que viver; discernir não é o mesmo que sustentar; aconselhar não é o mesmo que praticar.

Talvez essa seja uma das verdades mais desconfortáveis da filosofia. O ser humano pode elaborar os conselhos mais sábios, formular as análises mais profundas, compreender com precisão os mecanismos da virtude — e, ainda assim, fracassar diante da própria vida. Por isso, a história de Salomão não é apenas a narrativa de um rei; é um espelho. Ela expõe a contradição presente em toda existência humana: a distância entre aquilo que sabemos e aquilo que conseguimos ser.

Talvez a verdadeira sabedoria não esteja em possuir respostas extraordinárias, mas em sustentar fidelidade cotidiana àquilo que já se sabe. A sabedoria pode iluminar o caminho, mas não pode caminhar por nós.

O fim da história de Salomão

Segundo o relato bíblico, o fim da vida de Salomão é marcado menos por glória e mais por reflexões. Depois de décadas de poder, riqueza, construções grandiosas, prestígio internacional e experiências acumuladas, ele chegou a uma percepção amarga: grande parte daquilo que buscou revelou-se incapaz de satisfazer plenamente a existência humana. Esse amadurecimento aparece de forma mais profunda no livro de Eclesiastes, tradicionalmente associado a Salomão. Ali, a voz que fala parece ser a de alguém que experimentou tudo o que a vida poderia oferecer e, ao final, percebeu a insuficiência de todas essas conquistas.

Há uma repetição angustiante da palavra “ vaidade”, que, nesse contexto, significa superficialidade e transitoriedade. Ou seja, todo o ouro, a prata, as mulheres e o prestígio não passaram de coisas superficiais e transitórias. Nenhum deles conseguiu oferecer sentido último ou permanência. É como se ele tivesse experimentado tudo o que a vida terrena pode oferecer para concluir que nada disso resolveria a inquietação fundamental da existência — um olhar quase de arrependimento ao perceber que nada daquilo preencheu seu coração humano.

No final do livro, no capítulo 12, versículo 13, aparece o ensinamento final de Salomão: “Teme a Deus e guarda os seus mandamentos, porque isto é o dever de todo homem.” O homem que começou pedindo sabedoria, que depois se perdeu entre excessos, poder e dispersão, termina reconhecendo que a essência da vida não está na multiplicidade das conquistas, mas na simplicidade da retidão.

A verdadeira sabedoria não consiste em experimentar tudo, compreender tudo ou possuir tudo. Consiste em ordenar a vida em torno daquilo que é essencial. Esse é o aspecto mais trágico e, ao mesmo tempo, mais belo de sua história. Salomão aprende, mas aprende tarde. Ele alcança a lucidez após ter percorrido os desvios. Sua vida sugere que certos conhecimentos só se tornam reais depois da experiência do fracasso.

Por isso, o desfecho de sua trajetória amplia ainda mais o paradoxo que leva seu nome. Salomão termina compreendendo aquilo que talvez sempre soube teoricamente: que nenhuma sabedoria substitui a fidelidade prática ao bem. Seu fim, biblicamente, não é o triunfo de um rei invencível. É o recolhimento reflexivo de alguém que descobriu que a maior conquista humana não está em dominar o mundo exterior, mas em não perder a própria alma enquanto o faz.

Questionamentos filosóficos

1. Se conhecer o bem não garante praticá-lo, então onde reside a verdadeira sabedoria: no pensamento ou na ação?
2. Até que ponto nossas decisões são fruto da razão, e em que medida são conduzidas por desejos que racionalizamos depois?
3. É possível alcançar plena coerência entre aquilo que compreendemos intelectualmente e aquilo que efetivamente vivemos?
4. Você já esteve em uma situação em que conseguiu aconselhar alguém, mas não conseguiu aplicar o ensinamento em sua própria vida? O que sentiu que impediu sua ação?
5. A felicidade depende da retidão moral ou pode existir independentemente dela?